



Revista Tempo e Argumento

E-ISSN: 2175-1803

tempoeargumento@gmail.com

Universidade do Estado de Santa Catarina
Brasil

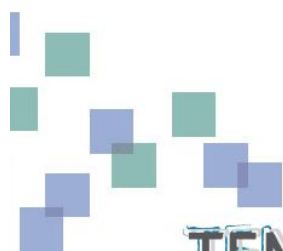
Freitas Santos, Raphael
Resenha "Diáspora Negra no Brasil" de Linda Heywood
Revista Tempo e Argumento, vol. 1, núm. 2, julio-diciembre, 2009, pp. 186-190
Universidade do Estado de Santa Catarina
Florianópolis, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=338130371011>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto



TEMPO E ARGUMENTO

Revista do Programa de Pós-Graduação em História

Florianópolis, v. 1, n. 2, p. 186 – 190, jul./dez. 2009

HEYWOOD, Linda. (Org.) *Diáspora Negra no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2008. 222 p.

HEYWOOD, Linda. (Org.) *Black Diaspora in Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2008. 222 p.

Raphael Freitas Santos

Universidade Federal Fluminense
Universidade Federal de Ouro Preto

O leitor brasileiro desavisado que olhar na estante o livro organizado por Linda Heywood pode pensar, pelo título “Diáspora Negra no Brasil”, que se trata de mais uma obra que aborda os africanos como vítimas do tráfico atlântico de escravizados. Mas não julgue o livro pela capa nem pelo título. Em inglês (*Central Africans and Cultural Transformations in the American Diaspora*), o título apresenta melhor o principal objetivo do livro: explorar o legado cultural dos africanos da África Central na América. Além de Linda Heywood, o livro conta com a contribuição de importantes pesquisadores africanistas, como Joseph Miller e John Thornton, e brazilianistas, como Mary Karasch e Robert Slenes.

“Diáspora Negra no Brasil” pode ser inserido em uma perspectiva historiográfica menos afeita às análises demográficas sobre o tráfico de escravos (que, durante muito tempo, negligenciaram aspectos etnográficos e antropológicos) e mais preocupada com a dimensão das práticas culturais dos africanos na América. O objetivo é resgatar as origens dos escravizados, procurando dimensionar o caráter, a natureza e a dinâmica das relações entre sociedades africanas e culturas afro-americanas, a fim de tornar “visíveis os africanos

invisíveis” (HALL, 2005). Para tanto, as identidades trazidas e/ou criadas pelos africanos no Atlântico vêm sendo o principal objeto de pesquisa, e a noção de “diáspora”, um conceito-chave.

Nesse livro, os autores dedicaram-se a solucionar um grande problema da historiografia que analisa a diáspora africana na América: a demasiada ênfase na cultura dos africanos da região ocidental da África, como se fossem esses os verdadeiros repositórios da cultura africana na América. Para Heywood, o “conhecimento da história e do impacto cultural dos centro-africanos na diáspora está muito aquém do dedicado à África Ocidental” (HEYWOOD, 2008, p. 18). Apesar dessa subrepresentação dos centro-africanos nas pesquisas históricas, eles corresponderam, segundo Joseph Miller, a nada menos do que 45% dos africanos escravizados enviados para a América – sendo que entre 1600 e 1650, os escravizados da África centro-ocidental representaram mais de 92% das importações americanas de escravos (MILLER, 2008, p. 78-79). Portanto, fazia-se urgente reunir o trabalho de pesquisadores que, reconhecendo a importância dos centro-africanos na construção da América, analisassem a história da transformação de sua cultura durante a diáspora.

Em seu artigo “África Central durante a era do comércio de escravizados, de 1490 a 1850”, Joseph Miller, além de apresentar um interessante panorama do tráfico atlântico de escravizados na África centro-ocidental, atenta para o fato de que uma origem linguística comum, certa intimidade com a cultura europeia e um “pragmatismo cultural” foram os elementos que garantiram a maior integração dos africanos centro-ocidentais nas Américas, construindo identidades que mudavam constantemente “conforme lutavam para encontrar um lugar para si na escalada para obter vantagens ou, para as vítimas, simplesmente sobreviver” (MILLER, 2008, p. 74).

O artigo apresentado por John Thornton, intitulado “Religião e vida cerimonial no Congo e áreas Umbundo, de 1500 a 1700”, reforça essa hipótese. Importante africanista que elaborou a polêmica hipótese da existência de uma base comum cristã pan-atlântica derivada da África, John Thornton, em seu artigo, analisa as práticas religiosas dos africanos centro-ocidentais e as suas transformações com a difusão do cristianismo. Para o autor, a prática sincrética do catolicismo não teria simplesmente nascido na América.

Esse é o argumento-chave do artigo “De português a africano: a origem centro-africana das culturas atlânticas crioulas no século XVIII”, escrito pela organizadora do livro, Linda Heywood. Segundo a autora, “os escravizados que chegaram a América levaram elementos desse catolicismo centro-africano com eles, e essas práticas acabaram passando por

novas transformações ao se tornarem parte da diáspora americana” (HEYWOOD, 2008, p. 112). O caso de Luiza Pinto, estudado por Luiz Mott (1994) e lembrado por Linda Heywood em seu artigo, é exemplar nesse sentido. Presa pela Inquisição em 1743, após 30 anos de atividades curandeiras no Brasil, Luiza teria aprendido em Luanda a “curar pessoas com a combinação de rituais católicos com raízes africanas. Seu repertório incluía também adivinhação e contato com o ‘outro mundo’” (HEYWOOD, 2008, p. 123). Luiza foi escravizada na África centro-ocidental e vendida em Sabará, Minas Gerais, uma região marcada pela significativa presença de africanos centro-ocidentais, principalmente entre os anos de 1734 e 1773. Nesse momento, eles representavam 49% da população escravizada inventariada na comarca do Rio das Velhas, cuja sede era Sabará (SANTOS; CORREA, 2008, p. 289).

Em “Centro-africanos no Brasil Central, de 1780 a 1835”, Mary Karasch analisa outra sociedade mineradora na América portuguesa: a capitania de Goiás. Apesar de contar com apenas 40 mil escravizados no auge do sistema escravista, a autora chama a atenção para o fato de que os centro-ocidentais tiveram uma participação fundamental na construção da cultura afro-brasileira no Brasil Central. Os dados apresentados por Karasch para Goiás podem ser interpretados como uma espécie de microcosmos do Brasil, no que tange à estrutura da posse de escravizados africanos: na região mais ao norte, havia uma concentração maior de escravizados ocidentais (66,7%, no caso de Goiás), enquanto na região Sul a percentagem de centro-ocidentais era maior (62,4% em Goiás) (KARASCH, 2008, p. 149). Mesmo marcando uma presença maior, em termos demográficos, nos territórios mais ao sul do Brasil, os centro-ocidentais foram importantes na formação de uma religiosidade afro-brasileira, de matriz católica, em todas as regiões.

De acordo com Elizabeth Kiddy, em seu artigo “Quem é o rei do Congo? Um novo olhar sobre os reis africanos e afro-brasileiros no Brasil”,

[...] a familiaridade dos centro-ocidentais com os símbolos, rituais e organizações católicas, combinada com uma crença na estrutura hierárquica da sociedade e no papel ritual dos reis, fez das irmandades religiosas leigas um lugar ideal para recriar uma comunidade africana no Brasil (KIDDY, 2008, p. 174).

Nesses espaços, o legado centro-ocidental foi reproduzido e transformado, na medida em que reis e rainhas representaram, não raramente, líderes, inclusive de comunidades quilombolas.

O que podemos vislumbrar com esse e com os demais exemplos apresentados ao longo do livro é que os escravizados africanos de uma mesma origem (cuja identidade pode ter sido construída ou apenas consolidada na América), na vivência de sua cultura (agora afro-americana), agiram historicamente, transformando os espaços e as relações às quais estavam submetidos. É isso que nos mostra Robert Slenes (“A grande greve do crânio do tucuxi: espírito das águas centro-africanas e identidade escrava no início do século XIX no Rio de Janeiro”), em seu brilhante trabalho de interpretação histórica a partir de um relato etnográfico feito por John Luccock, mercador e naturalista inglês que desembarcou no Brasil no início do século XIX.

Luccock testemunhou – na verdade, protagonizou – um pequeno motim no navio que o levava a uma expedição pela baía de Guanabara. A tripulação do barco, composta por escravizados africanos, simplesmente parou de trabalhar, e a única explicação que o naturalista inglês conseguiu encontrar para a pequena insurreição foi a superstição dos negros. De acordo com o relato, tudo teria começado quando foi coletado, durante a expedição, um crânio de tucuxi – uma espécie de golfinho. Esse “objeto” teria causado um mal-estar entre os tripulantes, que pediram para retirá-lo do barco.

Slenes, com toda sua perspicácia, analisa esse evento, buscando compreender os símbolos e as metáforas que estão por trás do comportamento dos escravizados. Como Darnton, em seu “O Grande Massacre de Gatos”, Slenes confirma que “quando deparamos com alguma coisa que nos parece inconcebível, podemos ter tropeçado num meio de acesso válido a uma mentalidade estranha. E, quando vencermos a perplexidade e alcançarmos o ponto de vista do nativo, deveremos ser capazes de perambular através de seu universo simbólico” (DARNTON, 1986, p. 335). O episódio protagonizado e narrado por Luccock e todos os outros tantos episódios da história da presença africana no Brasil apontam para o fato de que certas pessoas descobriram a África na América e usaram essa descoberta como base para a ação. No caso dos centro-africanos, devido a uma série de características comuns, apontadas ao longo do livro, “esses povos tenderam a superar possíveis hostilidades entre si e descobrir uma identidade comum” (SLENES, 2008, p. 200).

“Diáspora Negra no Brasil” oferece uma importante contribuição à historiografia brasileira preocupada com temas como: linguística comparativa, religião, política, representação e utilização do corpo, músicas e manifestações artísticas em geral, de origem africana. Além disso, os autores colocam em foco os africanos da região centro-ocidental da África, que, apesar de representarem, demograficamente, uma parcela significativa da população escravizada de origem africana na América, nunca tiveram a atenção merecida por

parte dos pesquisadores. Ao terminar de ler cada artigo do livro organizado por Heywood, fica a impressão de que, em diversos espaços e momentos, a cultura dos africanos centro-ocidentais foi um elemento dinâmico, capaz de dar sentido à experiência e de permitir a ação, de forma conjunta e decisiva, em sua experiência diaspórica.

Referências

DARNTON, Robert. *O Grande Massacre de Gatos e Outros Episódios da História Cultural Francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

HALL, Gwendolyn Midlo. *Slavery and African Ethnicities in the Americas: Restoring the links*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2005.

HEYWOOD, Linda. (Org.) *Diáspora Negra no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

MOTT, Luiz. O calundu angola de Luzia Pint: Sabará, 1739. *Revista do Instituto de Artes e Cultura*. Ouro Preto: UFOP, v. 2, n. 11, p. 73-82, 1994.

SANTOS, Raphael Freitas; CORRÊA Carolina Perpétuo. A trajetória econômica da comarca do Rio das Velhas: um estudo das estruturas de posse de escravos e as relações com o mercado internacional de escravos (século XVIII). In: PAIVA, Eduardo F.; IVO, Isnara P. *Escravidão, mestiçagem e histórias comparadas*. São Paulo: Annablume, 2008, p. 289 - 304.